

OBRA COMPLETA
BERNARDO
SANTARENO
TEATRO III

O Inferno (1967)

A Traição do Padre Martinho (1969)

Português, Escritor, 45 Anos de Idade (1974)

Três Quadros de Revista (1979)

Os Vendedores de Esperança

A Guerra Santa

O Milagre das Lágrimas

Os Marginais e a Revolução (1979)

Restos

A Confissão

Monsanto

Vida Breve em Três Fotografias

O Punho (1987)

ÍNDICE

O INFERNO

Peça-julgamento em 3 audiências
e 8 retrospectivas

PERSONAGENS	9
1. ^a AUDIÊNCIA	15
Retrospectiva I	26
Retrospectiva II	37
Retrospectiva III	47
Retrospectiva IV	52
Retrospectiva V	63
2. ^a AUDIÊNCIA	85
Retrospectiva VI	90
Retrospectiva VII	120
3. ^a AUDIÊNCIA	123
Retrospectiva VIII	155

A TRAIÇÃO DO PADRE MARTINHO

Narrativa dramática em três actos

Personagens do Primeiro Acto.....	181
PRIMEIRO ACTO.....	183
Personagens do Segundo Acto.....	225
SEGUNDO ACTO.....	227

PORTUGUÊS, ESCRITOR,
QUARENTA E CINCO ANOS DE IDADE

Peça em duas partes

1. ^a PARTE	273
2. ^a PARTE	333

TRÊS QUADROS DE REVISTA

OS VENDEDORES DE ESPERANÇA.....	405
A GUERRA SANTA	411
O MILAGRE DAS LÁGRIMAS	417

OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO

Quatro peças em 1 acto

RESTOS.....	427
A CONFISSÃO.....	445

ÍNDICE

MONSANTO	475
VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS	489
1. ^a Fotografia	489
2. ^a Fotografia	501
3. ^a Fotografia	512

O PUNHO

Peça em 6 quadros

PERSONAGENS	534
1.º QUADRO	535
2.º QUADRO	545
3.º QUADRO	563
4.º QUADRO	587
5.º QUADRO	609
6.º QUADRO	631
VARIANTE	641

PORTUGUÊS, ESCRITOR,
QUARENTA E CINCO ANOS
DE IDADE

PEÇA EM DUAS PARTES

1.^a edição, 1974 (Ática).

Tradução russa de H. Kotrelev, publicada na revista *Teatr* (Moscou, 1976).

Representada pela primeira vez a 5 de Julho de 1974 no Teatro Maria Matos, numa encenação de Rogério Paulo, com a colaboração de Artur Ramos e Águeda Sena, cenários de António Casimiro, canção de Ary dos Santos e Fernando Tordo, e a seguinte interpretação: António Montez (Escritor), Rogério Paulo (Pai), Lourdes Norberto (Mulher do Escritor), Irene Cruz (Palhaço Pobre e Estudante), Adelaide João (Avó, Senhora da Acção Católica, Palhaço Rico e Enfermeira), Arminda Taveira (Enfermeira), Baptista Fernandes (Médico, Ministro, 1.º Potentado, Agente, Orador Opositor, Bispo do Porto e Colonialista), Carlos Santos (Regedor, Senhor do Ministério, 2.º Potentado, Agente, 2.º Estudante e 3.º Padre), Carlos Sargedas (Neto), Carlos Veríssimo (4.º Potentado, Prisioneiro, 1.º Estudante, Filho do Escritor), Fernanda Borsatti (Mãe, Mulher, Chimpanzé e Mãe África), Luís Cerqueira (Pároco, 3.º Potentado, Agente, Padre, Chimpanzé Pequeno, Universitário e 2.º Padre), Luís Santos (Avô, Cardeal, Prisioneiro, Reitor e Prior), Madalena Braga (Mãe e Constituição), Manuel Matos (Filho), Vítor de Sousa (5.º Potentado, Prisioneiro, Escritor Quando Jovem e 1.º Padre) e Daniel Garcia (vozes do Autor e Presidente).

Teu pai um potro de sangue
emprenhou uma gazela
tu nasceste mas exangue
a vencida foi sempre ela.

A pouco e pouco cresceste
nos túneis da liberdade
nos túneis porque nas ruas
era bem outra a verdade.

Um povo inteiro pagava
o tributo de existir
e servia a quem mandava
agonizar a sorrir.

Depois menino batido
por tantas feras à solta
foste aprendendo o sentido
da vingança e da revolta.

Em ti deitaste raiz
tronco fino mas não frágil
e inventaste um país
maior mais livre e mais ágil.

De tudo te disfarçaste
cigano vadio actor
mas nunca te amordaçaste
nem português nem escritor.

Escrevendo com sangue e letras
entraste na grande guerra
e dos operários poetas
que escreveram esta terra.

Hoje a luta recomeça
mas já de igual para igual
muito obrigado Bernardo
Santarém de Portugal.

Poema de *José Carlos Ary dos Santos*
para a música de *Fernando Tordo*

1.^a PARTE

Palco completamente escuro. Uns momentos assim, em silêncio. Ouve-se o choro dum recém-nascido. Luz sobre o grupo dos Actores que ocupam a zona central: cinco homens e quatro mulheres debruçam-se sobre a parturiente invisível, fechando um círculo completo. Vestem como o povo e a pequena burguesia dos anos vinte, excepto o Médico, em mangas de camisa e reconhecível pelo estetoscópio, que está colocado no meio do semicírculo anterior, de costas para o público. Música de fundo.

MÉDICO (*voltando-se para a assistência*): É um belo rapagão. Quatro quilos e meio. (*O menino chora de novo.*)

PAI (*que está junto do Médico, voltando-se para o público*): Eu sou o pai. Sinto-me como nunca me senti... Não sei explicar... Hei-de fazer tudo, tudo pelo meu filho! É verdade: um homem só é verdadeiramente homem depois de ter um filho. Estou tão feliz que... parece que vou rebentar de alegria!

AVÔ (*que está do outro lado do Médico, voltando-se; tipo camponês*): É o meu primeiro neto. Fui pai de seis filhos, mas... isto é diferente, é outra coisa! (*O menino chora.*) Que grande dia! E o raio do rapaz saiu são e escorreito que é um louvar a Deus! Isto tem que ser festejado: Pago um copo de vinho a quem o quiser beber!

AVÓ (*voltando-se para a plateia, os olhos cheios de lágrimas*): Meu rico netinho. Que Deus o abençoe assim como eu o abençoo de todo o meu coração! Que Deus lhe ponha a virtude! Há-de ser feliz!

(O círculo de actores vai rodando de maneira que aquele que fala esteja sempre em frente do público, de face para este.)

UMA MULHER DO POVO: Há-de ser feliz!

UM HOMEM: Tem de ser feliz!

AVÓ: Há-de saber ler...

UM HOMEM GORDO *(tipo mais abastado)*: Eu vou ser o padrinho. Padrinho a sério, ah! O pequeno pode contar comigo. Até onde eu chegar... Havemos de formá-lo, há-de ser médico.

UMA RAPARIGA: É um anjo do céu! Tão lindo de rosto, tão perfeito de corpo... Ai, é uma glória ser mãe dum menino assim!

UMA VELHA: Bendita a mãe que tal filho pariu!

PAI *(com orgulho)*: É Meu filho!

(O movimento de rotação acelera-se, acompanhando o ritmo da música de fundo.)

MÉDICO: Parto normal. Mãe forte, filho robusto.

AVÓ: As férias há-de passá-las com a gente, na aldeia. Arranjo-lhe um burrito pequeno...

AVÔ: Dou-lhe leitinho fresco, acabado de mungir...

UM HOMEM NOVO: Há-de ser republicano como o pai!

HOMEM VELHO: Amigo dos pobres, contra os carrascos!

PAI: Viva a República!

TODOS OS HOMENS: Viva!

AVÓ *(assustada)*: Calem-se, por amor de Deus: Podem ouvi-los...?!

HOMEM NOVO: Pois que oiçam: Viva a República!

HOMEM GORDO: Quando o meu afilhado crescer, quando for homem...

PAI: Este país já não será o que hoje é!

HOMEM NOVO: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Viva!

MÉDICO: Tenham cuidado, olhem a mãe: Está muito fraca...

HOMEM NOVO: Abaixo a tirania!

HOMEM VELHO: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Viva!

PAI: O meu filho não há-de ser um escravo!

HOMEM NOVO: Disso nos encarregamos nós e os outros como nós!

PAI: Vou lutar pelo meu filho!

HOMEM VELHO: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Viva!

(A mãe, sempre invisível para o público, no centro do círculo, solta um grande grito: Todos se imobilizam em silêncio. Segundo grito: Todos se debruçam sobre ela, inquietos. Terceiro grito: Todos se afastam, rompendo o círculo.)

MÃE *(agora à vista do público: de pé, desgrenhada, quase terrível, a longa camisa suja de sangue, apertando a cria contra o peito):* É meu... é meu... é o meu filho!

(Foco de luz sobre a Mãe imóvel; semiobscuridade no resto do palco. Os restantes Actores, sempre voltados para a Mãe, vão recuando até aos limites laterais de cena. Escuro total, durante segundos. Sonoplastia: marcha guerreira, com toques de clarim, gritos de comando, ruído marcial de botas, vivas, etc. Em três écrans, um ao fundo e dois laterais, começam a ser projectadas imagens-documentário da vida portuguesa dos últimos quarenta anos. Em primeiro lugar, Desfiles da Mocidade e da Legião Portuguesa. Nos extremos laterais do palco, estão vários cabides de pé alto com roupas e adereços, além de dois espelhos, um de cada lado, com luz própria na margem superior. Os Actores, a mãe incluída, despem-se e vestem-se, tiram e põem cabeleiras, etc. Nos écrans assistimos agora a uma «Grande concentração de povo que aplaude o governo». Algum tempo assim. Na semiobscuridade, um dos Actores começa a rir: baixo primeiro, sobe depois até à gargalhada irreprimível. Logo imitado por uma das Actrizes. A certa altura, todos os Actores, homens e mulheres, riem em gargalhadas uníssonas de escárnio. Círculo de luz no meio do palco, iluminando as figuras caricaturais do Regedor, do Pároco e da Presidente da Acção Católica. Interrompem-se as projecções sobre os écrans.)

REGEDOR (*entre os outros dois, discursando*): Não consinto que esta terra faça má figura ao pé das outras! Quem tiver pernas para andar e voz para gritar, deve ir amanhã a Lisboa! Amanhã, no Terreiro do Paço, será homenageado o Senhor Presidente do Conselho: E há-de ser a maior «manifestação espontânea» de que há memória neste país! Olhem que eu sei muito bem quem está doente e quem finge que o está. Quem me intrujar comigo se há-de haver! E depois queixem-se, digam que o regedor é torto!... Querem a estrada nova para a vila? Querem a luz eléctrica? Então vão amanhã a Lisboa, a dar palmas e vivas ao Senhor Presidente! Quem, podendo ir, não for, nunca mais apanha de mim nem a ponta dum corno! Tenho quatro camionetas faladas e havemos de enchê-las, a bem ou a mal! Querem que esta terra faça figuras de cachorra na «manifestação espontânea»? Até tingia a minha cara de preto! Já mandei pintar cinco bandeiras, qual delas a maior, com muitos vivas e o nome desta terra escrito em letras graúdas. O Senhor Presidente do Conselho há-de lê-las e podem ficar cientes de que não se esquecerá de vocês! Assim como há-de ler a lista dos que não forem, que eu me encarrego de lha mandar... E depois queixem-se, chorem na cama que é parte quente! E não digam que eu os não avisei a tempo... Se quero que vocês vão todos à «manifestação espontânea», está bem de ver que não é por mim. Eu, graças a Deus, tenho que baste para as minhas necessidades e para as dos meus, enquanto vivo for! Vocês bem o sabem. E pronto, temos conversados. Viva o Senhor Presidente do Conselho!

MUITAS VOZES: Viva!

REGEDOR: Todos à «manifestação espontânea»! Viva o Senhor Presidente!

MUITAS VOZES: Viva!

PÁROCO (*que é do tipo untuoso*): Vão, meus queridos irmãos, vão dar o contributo das vossas presenças a esta justíssima «manifestação espontânea»! Peço-lhes eu, o vosso pároco. E não hão-de arrepender-se: Nosso Senhor lhes dará cem alegrias por cada sacrifício! E peca todo aquele que, podendo ir, não for. Pecado feio de ingratidão contra quem tanto bem tem feito por vós, no plano material, como sobretudo no plano espiritual. Sim, porque o Senhor Presidente tem sido o esforçado paladino da Igreja Católica neste conturbado

país! Tanto como Nuno Álvares, que é santo! Tanto? Mais, mais ainda do que ele, digo-vos eu! Se hoje ainda sois católicos, se ainda gozais das benesses inefáveis da nossa santa religião, a ele, ao Senhor Presidente, o deveis! Portanto, meus queridos irmãos, tudo que ao nosso bem amado Presidente fizerdes é a Nosso Senhor Jesus Cristo que o fareis. Quem não for por ele é contra a Santa Igreja Católica, é contra o Divino Salvador! Por isso, daqui vos aconselho e exorto: Ide todos à «manifestação espontânea».

PRESIDENTE DA ACÇÃO CATÓLICA: Só uma palavrinha, humilde e pequenina, dirigida especialmente ao coração das mulheres desta santa terra: Ide vós também, filhinas do meu coração, ide vós também saudar e cantar louvores ao nosso santo Presidente! Sois pobrezinhas, nada tendes para lhe dar? Pois dai-lhe os afectos do vosso coração agradecido, simbolizado num raminho das singelas florinhas da nossa serra! E ele vos agradecerá. E Nossa Senhora de Fátima vos cobrirá com o seu manto branquinho! Mães, filhas, esposas e noivas da Lajinha de Cima, não falteis ao vosso dever. Ide ao Senhor Presidente, ide agradecer-lhe as virtudes da vossa santa pobreza, ide dizer-lhe que, para vós, o céu vale mais do que a terra, ide cobri-lo com a pureza e o perfume das vossas singelas florinhas! Mães, filhas, noivas e esposas da Lajinha de Cima, não falteis à «manifestação espontânea»!

REGEDOR: A quem for, dou lugar de graça na camioneta e um abono de vinte mil réis! (*Mostra a nota.*)

VOZES: Viva! Viva o Senhor Presidente do Conselho!

PRESIDENTE DA ACÇÃO CATÓLICA: Como humilde e pequenina presidente da Acção Católica de Lajinha de Cima, fui encarregada de oferecer a todos que forem à santa «manifestação espontânea» um farnelinho de pão de trigo, três ovos e duas postinhas de bacalhau! (*Vai mostrando.*)

VOZES: Viva! Viva o Senhor Presidente do Conselho!

PÁROCO: E eu vos darei, além da minha bênção (*executa*), um terço benzido aos pés da Santa Virgem de Fátima (*mostra*), para que Ela vos proteja contra as ciladas do demónio lá nessa Lisboa de tanto pecado... e também de tanta virtude, graças a Deus!

VOZES: Viva o Senhor Presidente do Conselho! Viva!

(Escuro. Nos écrans, voltamos a ver as imagens da «manifestação espontânea do povo ao governo». Os três Actores da última cena representada despem-se e descaracterizam-se em frente dos espelhos laterais. Ouvem-se novamente as gargalhadas sublinhando as imagens projectadas: até chegar ao riso cruel, uníssono, feroz. De repente, um grito masculino de dor. Um grito aterrorizado de mulher. Sobre os écrans vemos agora as imagens duma «carga da GNR e da Polícia sobre uma multidão exaltada que foge e grita». Em frente das telas cruzam-se os vultos de vários Actores, homens e mulheres, que correm desorientados. Música «executiva» de tambores. Continuam as imagens mais uns segundos. Luz no palco. Pára a projecção. Em cena, dispostos em vários planos, os dez Actores que até agora intervieram no espectáculo.)

1.^a MULHER *(pobre, vestida de luto)*: Mataram-no! Mataram o meu filho! Agora... nunca mais o verei. Fiquei só... só no mundo... sem ninguém que me dê uma sede de água! Ai, o meu rico filho! Mataram-no...

TODOS *(como juízes)*: Mataram-no.

1.^a MULHER: Ele era bom para mim... bom pra toda a gente! Era o meu braço, o meu amparo... Agora não tenho ninguém.

TODOS: Mataram-no.

1.^a MULHER: Tinha só vinte anos... Lindo de cara, delgadinho de corpo... Era alegre, estava sempre a rir... A bem dizer, um menino!

TODOS: Mataram-no.

1.^a MULHER *(revolta)*: Porquê? Porque o mataram eles?!

TODOS: Porquê?!

1.^a MULHER: O meu filho não fez mal nenhum... ele era tão bom!...

TODOS: Tinha só vinte anos.

1.^a MULHER *(visceral)*: Quero o meu filho!

TODOS: Está morto.

1.^a MULHER *(feroz)*: Quem? Quem o matou?!

OS HOMENS: A Guarda Republicana.

AS MULHERES: A Polícia.

TODOS: Tinha só vinte anos.

1.^a MULHER: Porquê? Porque o mataram eles?!

1.^o HOMEM: Vinha do trabalho...

2.^a MULHER: Viu aquele ajuntamento...

2.^o HOMEM: Foi ver...

TODOS: Mataram-no.

1.^a MULHER: Porquê? Porque mataram o meu filho?!

3.^o HOMEM: Eu vi-o. Ele estava à frente do povo...

4.^o HOMEM: Dava o braço a outros tão novos como ele...

5.^o HOMEM: E gritava...

1.^a MULHER: Gritava?! Que gritava ele?

TODOS OS HOMENS: Abaixo os tiranos!

TODAS AS MULHERES: Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS: Queremos pão!

TODAS AS MULHERES: Queremos casas!

TODOS OS HOMENS: Queremos justiça!

TODAS AS MULHERES: Queremos instrução para os nossos filhos!

TODOS OS HOMENS: Abaixo os tiranos!

TODAS AS MULHERES: Viva a Liberdade!

1.^a MULHER: E era mal... isso que o meu filho gritava?

TODAS AS MULHERES: Era bom.

TODOS OS HOMENS: Era justo.

1.^a MULHER (*patética*): Então... porque o mataram?

TODOS OS HOMENS: Porque era justo.

TODAS AS MULHERES: E necessário.

1.^a MULHER: Quem matou o meu filho? Quem?

TODAS AS MULHERES: Quem o pode saber?

TODOS OS HOMENS: Nós sabemos.

TODAS AS MULHERES: A Guarda Republicana?

TODOS OS HOMENS: Não a Guarda, mas quem lhe deu ordem para matar.

TODAS AS MULHERES: A Polícia?

TODOS OS HOMENS: Não a Polícia, mas quem lhe deu ordem para matar.

1.^a MULHER: E fica sem castigo a morte do meu filho...?

TODAS AS MULHERES: Os hospitais estão cheios de feridos!

TODOS OS HOMENS: As prisões estão cheias de presos!

1.^a MULHER: Ninguém vinga o meu filho?

TODOS OS HOMENS: A justiça é deles.

TODAS AS MULHERES: O dinheiro é deles.

TODOS OS HOMENS: A força é deles.

1.^a MULHER: Mas Deus pode. Deus há-de vingar a morte do meu filho!

TODAS AS MULHERES: A Igreja é deles.

TODOS OS HOMENS: Deus é deles.

1.^a MULHER: Ai!

TODAS AS MULHERES: Ai!

1.^a MULHER: Eu vi... eu senti correr o sangue do meu filho. Aqui *(indica a frente)* e aqui *(indica o peito)*...

TODAS AS MULHERES: Ai!

TODOS OS HOMENS *(em ameaça)*: O sangue dos justos não se pode perder!

2.^a MULHER *(corre, voltando-se de costas para o público)*: Tenho medo!

3.^a MULHER *(idem)*: Tenho medo!

4.^a MULHER *(idem)*: Tenho medo!

5.^a MULHER *(idem)*: Tenho medo!

TODOS OS HOMENS *(mais forte)*: O sofrimento dos justos não se pode perder!

TODAS AS MULHERES *(voltando-se simultaneamente para o público)*: Tenho medo!

(Um dos Actores destaca-se do grupo, vai junto dum dos espelhos laterais, tira o capote popular e põe uma máscara esverdeada. Agora vestido como um senhor, dirige-se para o proscénio. Os restantes Actores recuam para o lado oposto, receosos, juntando-se em massa.)

SENHOR DO MINISTÉRIO (*falando para um microfone*): Nota do Ministério do Interior: No passado dia um de Maio, juntaram-se no Cais das Colunas desta cidade de Lisboa algumas dezenas de agitadores profissionais...

1.º HOMEM: Mas eram milhares!...

2.º HOMEM: Milhares e milhares!

3.º HOMEM: Não cabia mais ninguém no Terreiro do Paço!

SENHOR DO MINISTÉRIO (*recomeçando*): ...algumas dezenas de agitadores profissionais, terroristas a soldo duma potência estrangeira, que tentaram alterar a ordem pública. Debalde o tentaram, porque o bom povo de Lisboa não correspondeu aos apelos dos traidores...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

3.º HOMEM: Eram operários, estudantes, doutores e comerciantes... tudo!

4.º HOMEM: E vieram camponeses de longe!

2.ª MULHER: Até mulheres lá estavam... até mulheres!

SENHOR DO MINISTÉRIO (*continuando*): ...o bom povo de Lisboa não correspondeu aos apelos dos traidores e tudo acabou rapidamente com a indispensável intervenção das forças da ordem...

TODOS OS OUTROS: E mentira!

1.º HOMEM: A manifestação durou mais de quatro horas!

2.º HOMEM: Cada vez havia mais povo. Era um rio de gente!

3.º HOMEM: Se não fosse a Guarda Republicana...

1.º HOMEM: E a Polícia...

4.º HOMEM: Tínhamos levantado Lisboa em peso!

SENHOR DO MINISTÉRIO: ...indispensável intervenção das forças da ordem que, em número reduzido...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

1.º HOMEM: Eram camionetas e camionetas de polícia...!

2.º HOMEM: E a guarda a cavalo...!

SENHOR DO MINISTÉRIO: ...que, em número reduzido, logo dispersaram os dísculos. Como, entre estes, havia alguns armados...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

2.º HOMEM (*trocista*): Armados de pedras...

3.º HOMEM: É mesmo assim só depois de eles entrarem a matar!

SENHOR DO MINISTÉRIO: ...Como, entre eles, havia alguns armados, as referidas forças viram-se obrigadas a disparar alguns tiros para o ar...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

1.º HOMEM: (*irónico*): Alguns tiros?!

2.º HOMEM: Rajadas de metralhadora!

3.º HOMEM (*riso de troça*): Para o ar...?!

TODAS AS MULHERES: E os feridos?

1.ª MULHER (*dolorosamente*): E os mortos?

SENHOR DO MINISTÉRIO: ...viram-se obrigados a disparar alguns tiros para o ar. Deste breve recontro há a lamentar alguns feridos sem importância...

TODOS OS OUTROS: É mentira!

1.ª MULHER: E os mortos?

SENHOR DO MINISTÉRIO: ...alguns feridos sem importância. (*Deixa de falar para o micro. Dirigindo-se aos espectadores.*) Quando se refiram a este insignificante acontecimento, obra – repetimos! – de meia dúzia de traidores – bolchevistas pagos por uma potência estrangeira, apostada em minar as raízes da civilização ocidental e cristã a que pertencemos –, quando ao irrisório tumulto do 1.º de Maio se refiram, dizíamos, os jornais e restantes meios de informação apenas poderão publicar esta nota do Ministério do Interior, para evitar sensacionalismos fantasiosos que induziriam em erro a opinião pública. Neste sentido, a Censura já recebeu ordens rigorosas e irredutíveis. (*Levantado o braço, na saudação fascista.*) Quem não é por nós é contra nós! (*Sai em passo marcial.*)

TODAS AS MULHERES (*menos a 1.ª Mulher*): Mentiras só mentiras!

TODOS OS HOMENS: Estamos fartos de mentiras!

TODOS (*menos a 1.ª Mulher*): Queremos a verdade!

1.ª MULHER (*saindo do grupo, em passos exaustos. Para o público*): A verdade é que... o meu filho está morto.

(Escuro. Os dez Actores dirigem-se para os extremos laterais do palco. Despem-se, desmaquilham-se, arranjam-se para a cena seguinte. Logo que se faz escuro, começam a ouvir-se os cânticos de Fátima, em honra da Virgem. Nos três écrans passam agora novos filmes-documentários: «Grande peregrinação à Cova da Iria. Imagens que focam o povo peregrino, miserável, primário e sofredor. Homens, mulheres e crianças, a pé, ao longo das estradas; depois, já no santuário, mulheres descem de rastos a rampa, com os joelhos chagados, a vela numa das mãos e o terço na outra; fragmentos da «missa dos doentes», estendais da miséria física, etc. Luz focada no centro do palco. O Bispo prega aos peregrinos sobre um pequeno púlpito. No écran central e durante toda esta cena, será projectada uma fotografia da Capelinha das Aparições, com a imagem da Virgem.)

BISPO: ...porque, meus queridos irmãos, Fátima, o mistério de Fátima, é todo ele um cântico de louvor aos humildes, aos pobrezinhos, aos que nada possuem, aos que nada exigem do mundo, aos que atravessam este vale de lágrimas com os olhos postos no Céu! Pois não escolheu Nossa Senhora três inocentes crianças, desprovidas de todo o bem material, de todo o humano saber, para lhes transmitir a sua mensagem? E qual foi essa mensagem? Oração e penitência. Oração e penitência. Eis o que importa à nossa salvação! Tudo o resto é nada, ou pior que nada – obstáculo, impedimento para o Céu! Louvado seja Deus que te fez pobrezinho! Louvado seja Deus que te fez humilde e manso de coração! Louvado seja Deus que te escolheu para sofrer! Louvado seja Deus que não minou o teu entendimento com os frutos podres da ciência! Louvado seja Ele, mil vezes louvado, que te deu o dom bendito da obediência! Obediência a Deus Nosso Senhor, Obediência à Virgem, Sua Santa Mãe. Obediência aos Santos da Corte Celestial. Obediência à Igreja Católica e aos seus ministros. Obediência dos filhos aos pais. Obediência da mulher ao marido. Obediência do servo ao patrão. Obediência dos governados aos governantes. Obedecei, meus queridos irmãos, e o Reino dos Céus será vosso! Obedecei, aceitai de bom grado a carga das vossas privações, e tereis conquistado o Paraíso! Benditos aqueles que, nos seus corações e nas suas mentes, trazem abraçadas a santa virtude da pobreza com a não menos santa virtude da obediência! Esses verão o Senhor! Esses terão a glória